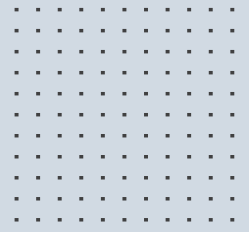




SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

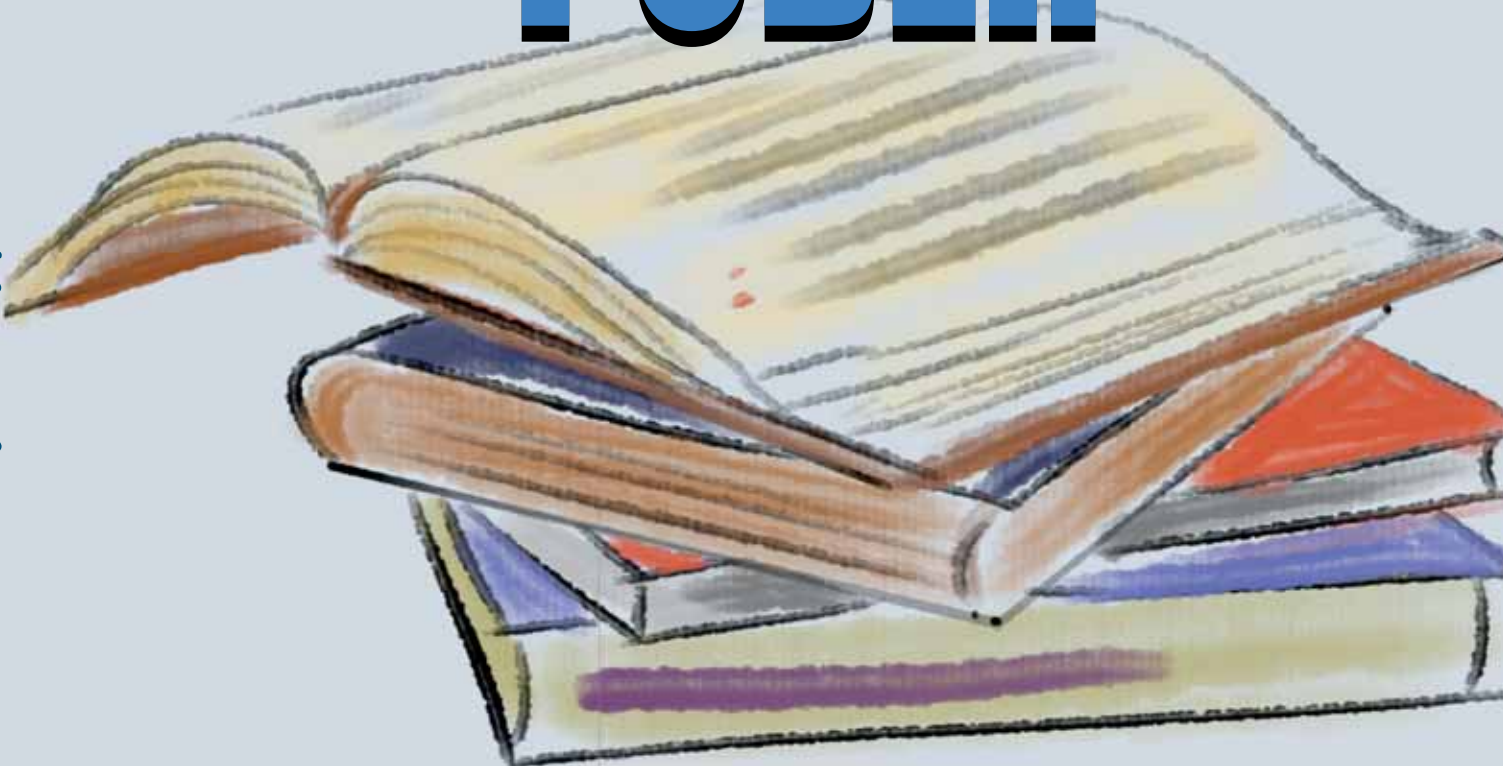


Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 24, n° 2 dezembro de 2021

Jornal da

Brasileira

PODER



O poder



Com esta edição, estou encerrando a missão de editora do Jornal da SBPdePA, após dois anos de muito trabalho e satisfação. Agradeço a honra dessa oportunidade que a nossa querida presidente Ane Marlise me concedeu. Com este exemplar, que contempla o tema do poder, contabilizamos seis números no decorrer da nossa gestão (2020/2021): dois *on-line* e quatro impressos.

O tema desta edição é o poder, que, para Foucault, está conectado às ciências humanistas enquanto sistemas do saber sobre seres humanos, entre os quais a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise estão num lugar privilegiado.

A psicanálise, como representante de uma das formas de conhecimento emocional, é detentora de uma possibilidade de poder: poder saber mais sobre si mesmo. No entanto, os psicanalistas não são os “donos da verdade”, somente propiciam um espaço para que o sujeito possa buscar a sua verdade própria, legitimar-se como sujeito.

A renúncia ao lugar de poder e do suposto saber é fundamental ao psicanalista, pois sua atividade está relacionada com escuta, respeito e liberdade. Freud, ao constatar o poder da palavra, com a paciente Anna O. (Estudos sobre a histeria, 1895), cria a *talk cure* (cura pela palavra). Nosso inspirador nos transmitiu também a certeza do poder do inconsciente quando escreveu sobre a terceira grande ferida narcísica do ser humano, afirmando que o homem não é dono de seu eu. O inconsciente, esse estrangeiro, tem o poder de determinar grande parte de nosso comportamento e de criar sintomas.

Contamos, neste número, com um especial colaborador: Juremir Machado da Silva, que transita pela história e pelo jornalismo, bem como com a participação de vários colegas da Brasileira que nos honraram com suas ideias. O poder, como tema, tem instigado muitas pessoas a escrever, neste momento tão inusitado de nossas vidas, tanto pelo insistente abuso quanto pela distorção de seu uso, chegando a ser um contramodelo.

Finalmente, tenho um agradecimento especial a fazer à nossa jornalista Loraine da Luz, à Micaela Wunsch e aos colegas da Comissão Editorial Susana M. Beck e Roberto Vasconcelos, pela primorosa dedicação e parceria. Minha gratidão também é extensiva aos meus colegas de diretoria (2020/2021), pelas contribuições em todos os números de jornais que publicamos nesse período.

Rosa Beatriz Santoro Squeff
Editora e Diretora de Comunicação

EXPEDIENTE

Editora:
Rosa Beatriz Santoro Squeff
Conselho Editorial:
Roberto Ossig de Vasconcelos
Susana Magalhães Beck
Assistente Editorial:
Lorraine Luz
Revisão de português:
Débora Jael Rodrigues
Diagramação:
Marcelo Teixeira
Capa:
Micaela Feijó Wunsch
Secretária:
Daniela Bonn

Produção gráfica e impressão:
Gráfica Noschang – Tramandaí/RS

Tiragem: 250 exemplares

DIRETORIA

Presidente:
Ane Marlise Port Rodrigues
Secretário:
Lopes Pedro Meller
Tesoureira:
Sílvia Stifelman Katz
Diretora Científica:
Christiane Vecchi da Paixão
Diretora de Comunicação:
Rosa Beatriz Santoro Squeff
Diretora de Relações com a Comunidade:
Caroline Milman
Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP):
Astrid E. Müller Ribeiro
Diretora de Divulgação:
Tamara Barcellos Jansen Ferreira

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:
Sílvia Brandão Skowronsky
Secretária:
Lísia Coelho Leite
Coordenadora da Comissão de Seminários:
Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld
Coordenadora da Comissão de Formação:
Laura Ward da Rosa
Coordenador da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência:
César Augusto Antunes
Associação de Membros do Instituto:
Thércio Andreatta Brasil

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07
CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857
www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente

Escrevo estas palavras ao final de julho de 2021, tendo a orientação de que esta será a última edição do Jornal da gestão 2020/2021. Sou tomada por um estranhamento, pois no texto já deve estar contemplada a despedida da atual diretoria da SBPdePA.

Desde 15 de março de 2020, estamos com a sede fechada para seminários e atividades presenciais internas e externas. A pandemia da covid-19 segue ativa com novas cepas e a vacinação avança lentamente. Atualmente, temos menos de 50% da população brasileira vacinada com a primeira dose da vacina, e apenas 20% com as duas doses ou totalmente vacinada. Mesmo esse baixo índice já impacta positivamente para a diminuição de hospitalização e mortes, principalmente em idosos e pessoas com comorbidades. Neste segundo semestre de 2021, seguimos com as atividades *on-line*, a secretaria em *home office* e o escalonamento presencial na sede. Aguardamos, com esperança, a retomada dos encontros presenciais para 2022.

Fico curiosa sobre o que se passará ao longo do semestre que se inicia. Como estaremos em dezembro? E em 2022?

Mas uma coisa é certa: fazer parte desta Sociedade e desta diretoria traz muito orgulho, emoção e satisfação. Também é certo que a próxima diretoria eleita para a gestão 2022/2023 encontrará uma membresia pulsante e com espaço para expressar suas opiniões e pensamentos. Ainda agora lamento quando esse espaço não é ocupado pelos denominados "silenciosos". Mas o espaço está dado e uma das marcas de nossa instituição é a possibilidade de lidar com conflitos de ideias, buscando um aprimoramento do espaço democrático. Não precisamos, e nem é desejável a meu ver, sermos uníssonos, termos uma só voz. Precisamos, e isso já o fazemos, ser hospitaleiros para as diferentes vozes e aceitar a decisão da maioria, como ocorre quando as pautas propostas são votadas por nosso órgão legislador maior, que é a Assembleia Geral.

Nesse sentido, já estou entrando na temática da edição do presente Jornal: o poder.

Sabemos que a palavra poder contempla uma dimensão de verbo (poder fazer algo) e uma dimensão de substantivo (um lugar de poder). Temos aí a potência do poder: o que se faz ou não se faz ao ocupar esse lugar. Mas como o *pharmakon* (remédio que tanto pode curar como matar), o poder pode ter efeitos benéficos e fecundos ou intoxicar, indo à desmedida e ao sempre querer mais e mais poder, aproximando-se de formas autoritárias e até mesmo totalitárias. Em sua dimensão fecunda, cria possibilidades para a ocupação dos espaços de poder,



os quais não se tornam exclusivos de um mesmo e hegemônico grupo.

As diferentes nuances do poder aparecem em todas as relações, desde a relação a dois até os agrupamentos familiares e sociais. Nas instituições psicanalíticas, o poder vai se revelar não apenas no exercício entre os seus membros, mas também na regulação de quem pode ou não ter acesso à Formação Psicanalítica junto ao Instituto de Psicanálise.

Nesse sentido, um importante passo foi dado quando, em Assembleia Geral Ordinária em 27 de abril de 2021 (com seguimento em 08 e 15 de junho de 2021), aprovou-se, pela unanimidade dos presentes na assembleia, o Projeto de Bolsas Formação Analítica do Instituto de Psicanálise da SBPdePA para Profissionais Negros, Negras e Indígenas da Psicologia e da Medicina. Tivemos a representação de 80% dos membros associados e titulares votando positivamente no projeto. Em parágrafo único, foi aprovada a inclusão de indígenas no mesmo projeto.

A partir da histórica assembleia, o projeto ficou denominado Projeto Ubuntu e a força-tarefa que o criou passou a chamar-se Comissão Ubuntu (filosofia africana que trata das alianças entre as pessoas: eu sou porque somos).

Nosso especial reconhecimento e agradecimento aos colegas componentes da Comissão Ubuntu – Astrid M. Ribeiro, Beatriz S. Behs, César A. Antunes, Ignácio Paim Filho, Lisiane M. Cervo, Vera E. Hartmann e Eliane G. F. Nogueira (coordenadora) – que gestaram com tanta dedicação, profundidade e amor esse projeto.

A fase de implementação do fundo financeiro com doações de pessoas físicas ou jurídicas para possibilitar a oferta de bolsas de formação está, neste momento, em andamento. A SBPdePA destinará uma porcentagem de sua receita ao fundo financeiro. Trata-se de uma iniciativa pioneira junto às sociedades de psicanálise vinculadas à IPA. Esperamos que, ainda

neste semestre, seja possível iniciar as inscrições para o ingresso de negras, negros e indígenas em nosso Instituto de Psicanálise.

A Brasileira, desde o começo da pandemia, estreitou seus laços com a comunidade por meio de projetos solidários de atendimento gratuito a pessoas em sofrimento psíquico. Os professores, com suas preocupações e angústias, também encontraram um espaço de acolhimento. Os grupos de estudos com o interior ou na capital bem como os cursos seguiram sendo ofertados no formato *on-line*.

As atividades científicas, sempre interessantes e com um bom público, irão culminar com a nossa Jornada *O nascimento do Eu*, em 05 e 06 de novembro de 2021, tendo como convidados Anne Brun, René Roussillon e Marion Minerbo.

A temática dos traumas narcísico-identitários e a da constituição do supereu cruel estão intimamente relacionadas a como se processa o poder do objeto sobre o eu no vínculo primário. O abuso de poder nesse vínculo se dá quando o adulto faz uso não consentido do psiquismo infantil, já que o bebê e a criança pequena não têm como impedir esse uso abusivo. A Jornada traz para o debate importantes questões que se revelam na clínica atual das não neuroses. Naturalmente que a potência benéfica do poder nesse vínculo primário também precisa ser lembrada e gera condições saudáveis e estruturantes para o eu.

O Conselho Editorial trabalhou com afinco e nossas publicações elegeram temas interessantes e pertinentes para a Revista Psicanálise – 100 anos de Além do Princípio do Prazer; Psicanálise, máscaras e tecnologia; Racismo e preconceito; Melanie Klein 100 anos; e para o Jornal – Aberturas, Segredos, Adições, O Infantil, Poder –, tendo uma edição especial para comemorar a aprovação pelo Comitê de Crianças e Adolescentes da IPA de nossa Formação Integrada (íntegra a Formação Geral com a Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência), sendo a SBPdePA a primeira Sociedade no Brasil a ter essa formação implementada.

O Centro de Atendimento Psicanalítico – CAP trouxe um projeto solidário e atividades integrando a clínica e a teoria de forma muito criativa, revitalizado esse espaço tanto externa quanto internamente.

Nossa área de divulgação movimentou-se em saltos quânticos, exigindo muitíssimo da Diretoria de Divulgação e sua comissão. A busca e contratação de recursos para dar conta da complexidade e velocidade das comunicações para o atual momento foram de fundamental importância. Muita eficácia e dedicação foram necessárias para criação do novo logotipo da SBPdePA e das Inspirações à Brasileira no Instagram e Facebook, para a reconfiguração do *site*, para a criação dos grupos de WhatsApp internos e para a participação nas várias mídias digitais.

O cuidado do secretário e da tesoureira da presente Diretoria foram imprescindíveis para gerenciar as questões que se colocavam a cada momento.

Por toda essa magnífica parceria, agradeço com emoção aos queridos colegas Astrid M. Ribeiro, Caroline Milman, Christiane V. Paixão, Lores P. Meller, Tamara J. Ferreira, Rosa S. Squeff e Sílvia Katz. Estarão para sempre em meu coração e nas lembranças das agradáveis reuniões nas quais, juntos, atravessamos um período tão inesperado e difícil trazido por essa pandemia.

Muita gratidão aos colegas que compuseram as diversas comissões das Diretorias, bem como aos núcleos e grupos de estudos de nossa instituição e suas coordenações.

Ao Instituto de Psicanálise, com César A. Antunes, Laura W. Rosa, Lisia Leite, Patrícia M. Goldfeld e Sílvia B. Skowronsky (diretora), nosso especial agradecimento e reconhecimento pelo trabalho ágil e competente de colocar os seminários na modalidade *on-line*, mantendo nossa Formação Psicanalítica bastante ativa.

A todos os colegas que representaram nossa instituição junto à Febrapsi, Fepal e IPA só temos a agradecer. Compõem uma espécie de corpo diplomático da Brasileira.

À Associação de Membros do instituto, na pessoa de seu presidente Thércio Brasil, agradecemos a parceria nesses dois anos de tempos sombrios de pandemia.

Agradecemos à equipe de secretaria, coordenada pela Fabiana Demétrio, por segurar junto o desafio de transformar nossa Brasileira em novas formas de existir, reinventando-se *on-line* e adequando-se ao *home office* e ao retorno presencial escalonado.

Infelizmente, tivemos de enfrentar perdas inesperadas e tristes. Deixaram de estar conosco os colegas Simone S. Donicht, Nelson Langer dos Santos e os membros fundadores José Luiz F. Petrucci e Julio R. de Campos. Enlutados, agradecemos a esses colegas por toda sua contribuição e dedicação à SBPdePA e nos solidarizamos com familiares, amigos e colegas no pesar que se impôs.

Uma homenagem também a toda a membresia que, com valentia, participou e discutiu, dando corpo às propostas dessa Diretoria e manteve-se junta mesmo que separada pelo trabalho remoto.

À nova Diretoria que assume a gestão 2022/2023, desejamos muito sucesso e realizações!

Finalizando, não poderia deixar de enfatizar o poder da palavra e da escuta analítica que se mostrou ainda mais potente diante dos desafios e sofrimentos impostos pela pandemia.

Que todos sigam bem!

Muito obrigada por tudo!

Ane Marlise Port Rodrigues

Presidente da SBPdePA – Gestão 2020-2021

Tomografia do poder

Juremir Machado da Silva

Professor titular do PPGCOM/PUCRS

Doutor em Sociologia pela Sorbonne Université

O poder é uma condição exterior a quem ele submete. Pode ser também exterior a quem o exerce? Em que ele se baseia? Como se libertar dele? Pode-se ver o poder como uma limitação social, de classe, que condiciona a capacidade cerebral? Pierre Bourdieu refletiu sobre essa hipótese citando uma célebre passagem de Karl Marx sobre relações entre representantes e representados de certo meio: "O que faz deles os representantes da pequena burguesia é o fato de que o seu cérebro não pode ultrapassar os limites que o próprio pequeno burguês não supera em sua vida e, por conseguinte, eles são teoricamente levados aos mesmos problemas e às mesmas soluções a que são conduzidos praticamente os pequenos burgueses por seu interesse material e por sua situação social" (Marx apud Bourdieu, 1987, p. 189).

A citação poderia ser feita diretamente de Marx. O detalhe importante aqui, porém, é sua apropriação feita por Bourdieu. Não é questão de examinar como o sociólogo francês incorpora o pensamento de um clássico, mas de aproveitar o mote. Como explicar que Marx e Bourdieu tenham conseguido se extrair da condição de classe a que pertenciam para pensar soluções diferentes aos problemas com os quais se deparavam intelectual ou existencialmente? Estaríamos todos condenados à força do poder da nossa formação? Seríamos apenas os reprodutores da nossa condição de base? Submeteríamos outros ao poder imposto pelo nosso "cérebro" fadado a não ultrapassar sua limitação?

Perguntas em excesso, repostas de menos. Ao longo desta trágica pandemia do coronavírus, que nos atingiu a partir de março de 2020, uma pergunta vai e volta: poderia o capitão Jair Bolsonaro ultrapassar a sua condição de militar reformado e de deputado do chamado "baixo clero" para adotar comportamentos de presidente da República e de estadista? Poderia um homem aparentemente tão formatado pelo seu percurso vencer as amarras e adotar outra maneira de ser? Bolsonaro comanda ou é comandado pelo seu cérebro de patente mediana? Não há como resolver a questão. A prática, o exercício do mandato presidencial, tem mostrado que o militar não consegue superar o seu adestramento, ainda que ele não tenha sido um exemplo quando estava na ativa. Jair Bolsonaro comprava a tese determinista de Karl Marx citada por Pierre Bourdieu, intelectual que nunca deixou de reconhecer ou de enfatizar o peso das estruturas na trajetória de cada indivíduo?

Ferramenta de emancipação

O poder assumiu uma conotação negativa. Desconfiamos dos poderosos. Tememos os seus acordos subterrâneos. Nunca sabemos, de fato, o quanto nos deixam saber dos bastidores do poder. Numa democracia, constituímos o poder, que emana do eleitor, mas temos a sensação de que os eleitos nem sempre nos representam. O poder, contudo, é a ferramenta da transformação. Talvez se deva falar em empoderamento. Os processos de empoderamento são conflitivos.

Basta pensar no empoderamento das mulheres neste mundo historicamente dominado pelos homens, pelos brancos, pelos heterossexuais, pelos ricos. A sensibilidade, vale dizer o imaginário, está em mutação.

Uma tomografia do poder sempre mostra um reticulado, imagem de vidro fosco, comprometimento menor ou maior da capacidade de oxigenação. Em certo sentido, o instrumento de avaliação do poder é o oxímetro, pequeno aparelho que mede a saturação de oxigênio no sangue. Em regimes autoritários ou em democracias enfraquecidas pela ação de eleitos com tendências extremistas, a exemplo de Donald Trump, nos Estados Unidos, Viktor Orban, na Hungria, Nicolas Maduro, na Venezuela, Rodrigo Duterte, nas Filipinas, Recep Erdogan, na Turquia, e de Jair Bolsonaro no Brasil, a oxigenação cai brutalmente.

Se poder significa dominação, explícita ou dissimulada, também pode ser ferramenta de emancipação. Governantes democráticos apostam em emendas constitucionais para anular plebiscitos. Por que consultar menos quando, com ajuda da tecnologia, se pode consultar muito mais a população sobre temas sensíveis, complexos e de alto interesse comum? A tomada do poder, expressão que se consagrou como ocupação violenta ou não da estrutura de administração estatal, assume nova dimensão: ocupação pela via da participação transparente e argumentativa de instâncias de decisão, transformação e gestão do coletivo social.

O poder só torna realmente legítimo quando explicita uma

relação de compartilhamento regrada e aberta. Não podem existir “segredos de poder”. Reduzir essa ideia a ingenuidade ou utopia implica abdicar do projeto de república com republicanismo real, não apenas como ideal abstrato de administração da coisa pública. A mídia tem cada vez mais importância na fiscalização do poder, na discussão das suas falhas e na revelação dos seus mecanismos de funcionamento. A mídia tem poder, não é o poder; deve ser um mediador complexo de interações contraditórias. Ela se empodera na medida em que não se toma pelo poder decisório. Se a linha de separação é tênue entre poder e controle dos poderosos, a realidade se faz com fronteiras móveis.

Cada um está, por caminhos diversos e, por vezes, insondáveis, habilitado a derrubar os muros do condicionamento de classe ou de formação. Não fosse assim, a educação seria sempre reprodutora de hierarquias sociais, jamais emancipadora. Em meio a uma pandemia, a sociedade acabou por se perguntar: quem tem o poder? Ele foi compartilhado por determinação do Supremo Tribunal Federal entre os diversos entes da federação. Abuso de poder? Nada de novo no *front*. Confirmação da estrutura constitucionalmente prevista. Pena que não foi possível desde o começo da tragédia ter uma liderança unificadora, aquela que exerce o poder por adesão renovada a cada dia dos liderados. O poder claudica por excesso ou ausência. O paradoxo mais

desastroso consiste numa ausência que se apresenta como presença excessiva. O poder sai dos trilhos quando o seu detentor perde a compreensão dos seus limites. A era da covid-19 tem sido um tempo de reflexão sobre o poder. As democracias precisam urgentemente se renovar para não perder oxigenação. A salvação, por assim dizer, só pode vir de maior participação de cada eleitor no cotidiano do poder. Só o voto não basta. Uma mutação cultural ainda terá de acontecer.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Bom tempo, 2011.

O poder da ilusão

Gley P. Costa

Membro fundador, titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Professor da Fundação Universitária Mário Martins. Autor de livros de psicanálise.



Em 1919, Romain Rolland escreveu a peça teatral *L'illusion*, a qual dedicou à Freud com as seguintes palavras: “Ao destruidor de ilusões, Prof. Dr. Freud”. Em resposta a Rolland, Freud escreveu o artigo *O futuro de uma ilusão* (1927) sob a forma de um diálogo sobre religião com o “Caro grande homem de Deus”, o pastor Oskar Pfister cujo nome, no entanto, não é revelado. Pfister discordou das ideias do pai da Psicanálise e, no ano seguinte, publicou *A ilusão de um futuro*, no qual afirma que o autodenominado “judeu ateu” e “herético impertinente” Prof. Sigmund Freud confundia fé com religião.

Freud enfatiza que as crenças religiosas são ilusões mediante as

quais o indivíduo ameniza seus sentimentos infantis de desamparo e angústia diante dos perigos da existência. Embora derivadas dos mais fortes desejos humanos, as ilusões encontram-se embasadas numa real possibilidade. Por essa razão, devem ser distinguidas das alucinações e das ideias delirantes.

Para Freud, as religiões, assim como os preceitos morais, também representam uma necessidade da civilização de se proteger das tendências destrutivas de seus componentes, justificando sua permanência e transmissão geracional. Diante desse reconhecimento, o suposto oponente o questiona sobre a razão de publicar o artigo, ao que responde que é “para que o ser

humano, contando com a ciência e com a primazia da inteligência, não permaneça eternamente uma criança e ouse se aventurar na hostilidade do universo”.

Contudo, a ilusão não sustenta apenas a religião. Também precisamos reconhecer o valor nos mitos, muito mais antigos, a revelarem a necessidade das ilusões em todos os tempos da história da humanidade. Destacou Campbell: “As imagens do mito são reflexos das potencialidades espirituais de cada um de nós. Ao contemplá-las, evocamos os seus poderes em nossas próprias vidas”. Por esse caminho, podemos entender o fascínio que mobiliza nas pessoas o ilusionismo, uma das mais antigas artes cênicas,

cujas primeiras referências remontam ao ano de 1700 a.C., no Antigo Egito. Uma forma de “viver o mundo como se não fosse o mundo”, disse Hermann Hesse.

Não obstante, devemos a Winnicott uma ampliação do conceito psicanalítico de ilusão, configurando sua contribuição mais original ao estudo da natureza humana. Com este autor, a ilusão assume a dimensão da criatividade, equivalente, em suas palavras, à *imaginative live* e, também, à *intelligence*. O ponto de partida é a adaptação materna às necessidades do bebê, possibilitando a este a crença da existência de uma realidade externa que corresponde à sua própria capacidade de criar. Em que pese destacar no desenvolvimento da criança a importância de uma etapa seguinte de progressiva desilusão, ou seja, o reconhecimento “de que possui o seio, mas não é o seio”, adverte que, não obstante, a área de criação da realidade permanece pelo restante da vida.

Podemos identificar facilmente a presença da ilusão no brinquedo infantil e nas artes de maneira geral, além de, obviamente, nas

religiões como salientou Freud. Contudo, nos perguntamos se não estaria a ilusão presente na totalidade das nossas mais corriqueiras convicções. Mais do que isso: nos questionamos se a vida mesma não seria uma ilusão, um elo indispensável entre a segurança, o desejo e a esperança que necessitamos para enfrentar nossas vicissitudes diárias.

A ILUSÃO É O ELO QUE JUNTA SEGURANÇA, DESEJO E ESPERANÇA

Colocaríamos a família no carro e dirigiríamos até praia para passar o fim de semana se não tivéssemos a ilusão de que, apesar da possibilidade, nenhum acidente vai acontecer conosco? Ou, então, que vamos realizar a nossa habitual caminhada pelo bairro sem que um assaltante nos

tire a vida? Faríamos planos para se realizarem cinco, dez ou mesmo vinte anos mais tarde sem contar com a ilusão de que nenhum infortúnio irá interromper a nossa trajetória?

Julgamos que ainda podemos ir mais longe: quando João diz que tem certeza do amor de Maria por ele, por mais evidências em que possa se basear, não estaria apenas se iludindo em nome da segurança, do desejo e da esperança de ter para sempre a sua amada? Não seria possível, ainda, que o próprio amor que João esteja convencido de que sente por Maria não passe de uma ilusão, como muitos casos evidenciam? Em síntese: haverá em nós algo mais poderoso do que a ilusão? Por último, como diz o título do artigo do pastor, a nossa existência não consistiria, criativa e poeticamente, em uma “ilusão do futuro”?

No caso das religiões, precisamos considerar que elas também operam no sentido da negação da morte, a qual é comparada a um nascimento para uma segunda vida em outra dimensão.

O poder não existe

Thércio Andreatta Brasil

Membro do Instituto

Ninguém tem poder para nada. Ninguém tem poder para fazer o que quiser. Ninguém tem poder para analisar. Ninguém tem poder de ser analisado.

Senão, vejamos.

Basicamente, o poder não é **algo que** se tenha. Algo que se detenha, como uma propriedade que se possa possuir, apesar desse

corrente uso no nosso dia a dia. E sim, ele é um exercício, ou seja, só existe enquanto é exercido. Ao menos foi isso que pude apreender de uma breve introdução ao assunto em um Seminário Aberto do Instituto da SBPdePA em maio de 2019.

Com o atraente título *Amor – Um Pássaro Rebelde*, Marisa Faer-

mann Eizirik discorreu sobre as origens do amor, passando pela noção de amor, poder e sexualidade em Foucault. A partir desse último, podemos entender algo que me parece fundamental – os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos a que



nada ou ninguém escapa. Rigorosamente, *o poder não existe*: existem práticas ou relações de poder.

É como uma teia que se alastra por toda sociedade, inclusive as sociedades psicanalíticas. Foucault traz a imagem da guerra para elucidar o tema. É na luta, nas relações de força, nos afrontamentos que se dão as conquistas, que se dão as liberdades. Essas imagens do *front* também foram evocadas por Freud para nos fazer pensar sobre as resistências e as fixações da libido.

Portanto, podemos perguntar: quem pode exercer a psicanálise? Ora, qualquer um, desde que preencha os critérios de seleção do Instituto. No entanto, há um incômodo fantasma no ar: onde foram parar as analistas negras, os analistas negros, os analistas indígenas, que não estão entre nós?

Essas questões de acesso à formação psicanalítica são temas urgentes, ao menos para quem se permite pensar: quem pode se tornar analista? Há espaço em nossos institutos para aqueles aliados das relações de poder, como negras, negros e indígenas?

Mesmo que possamos, em nossas salas de análise, propiciar um espaço de escuta e continência às pessoas desterradas dessa liberdade de fala, como fomentar dispositivos capacitados em intuir o inaudível (quilombos analíticos?) desses povos despossuídos a não ser que estejam ao nosso lado, ou seja, *no lado de dentro* da SBPdePA? (Quem está ao seu lado na trincheira é mais importante que a própria guerra).

Trago um trecho do texto *Negro, judeu, palestino: do monopólio do sofrimento*, de Peter Pål Perlbart, na revista *Percurso*. Dando voz ao poeta palestino Mahmud Darwish, provoca: "nós sabemos do sofrimento da vítima através da poesia do vencedor". Literalmente, ele diz: "nós ouvimos a voz da vítima troiana pela boca do grego Eurípides". E ele observa que "Troia não contou sua história". E que ele, Darwish, "filho

Já não seria o tempo de transmutar a ideia de que um indivíduo não é uno, e sim múltiplo? E daí um composto de potências, um coletivo de forças? Portanto, os coletivos também são vistos como um indivíduo. E aqui nos vimos pensando novamente nos textos sociais de Freud.

Seguindo, quero trazer um encontro do que foi pensado lá em maio de 2019 por Marisa Eizirik com as ideias de Janine Puget.

A autora franco-argentina questiona a hegemonia da temporalidade linear, introduzindo a temporalidade aiônica, que deverá ocupar um lugar superposto com a temporalidade de Chronos. Como já se sabe, Puget ocupou-se de temporalidades (Puget, 2005; 2006) "que incluem um presente, que abre numerosas bifurcações

e põe em atividade a capacidade de escolha, a subjetividade constituída no fluir da vida, a incerteza e o contexto social enquanto outro que se impõe no presente, sem história prévia, nem relação com o passado infantil. Duas histórias que não convivem harmoniosamente: uma historicidade linear e uma historização que depende do presente."

Convém reparar na peculiaridade desse espaço, agora tridimensional: é na encruzilhada que o novo pode advir, acontecer. A encruzilhada das oferendas, ponto de macumba, terreiro de Exu. Lugar de passagens, de vagar, de movimento. Um não lugar, **único possível**. **Um espaço potencial** onde o poder se torna verbo, ação e palavra, capaz de enlouquecer a lógica aritmética, onde um mais um são três.



*We free people with music (Bob Marley)**

de um povo não reconhecido até pouco tempo atrás", quer ser o poeta de Troia, pois "aquele que escreve sua história herda a terra das palavras".

E ainda: Hannah Arendt acusou Eichmann de querer escolher com quem coabitar a Terra. E para ela, o pecado capital do genocida é presumir que pode escolher com quem coabitar numa Terra cuja exclusividade ninguém pode pretender.

Além disso, Perlbart sinaliza o eurocentrismo epistemológico denunciado por Mbembe em *A Crítica da Razão Negra*. Sonha, Peter, que a ética da alteridade possa nos conduzir à multiplicidade, em que o indivíduo nada mais é do que um múltiplo, desobedecendo ao significado último do termo, transgredindo-o.

*Foto PODER, carnaval de 1972, do artista plástico Carlos Vergara. Ela foi publicada na Folha Ilustrada em 20/11/20, Dia da Consciência Negra, mesmo dia em que o afrodescendente João Alberto foi morto asfixiado por seguranças brancos em um supermercado de Porto Alegre. Junto com a foto, saiu uma entrevista com o Sidney, pioneiro nos bailes soul em Oswaldo Cruz-RJ, que viriam a se tornar os bailes funk de hoje (espero ouvir mais nas festas da Brasileira). Os homens da foto foram presos pela polícia por serem considerados subversivos, depois foram liberados.

Não analítico

Celso Gutfreind

Psicanalista e escritor. Membro titular em função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.



Consultei uma advogada a propósito de uma dúvida pontual. Ela ouviu com afinco, envolveu-se em minha angústia, disse que não tinha certeza do que estava dizendo e disse algo novo, acolhedor. Ao final, desculpou-se por não ter me dito algo, digamos assim, “jurídico”.

De fato, o que ela disse não foi nada jurídico, no sentido técnico, pelo contrário. Fazia analogias, colocava-se no meu lugar, imprimia até uma esperança. Depois, teve um impacto positivo na minha dúvida e, mesmo sem o poder de dirimi-la, abriu alternativas para o meu pensamento e que pude sentir como ainda mais valiosas do que uma resposta.

Daí a pensar em nosso trabalho como psicanalista foi ligeiro. Quando somos “analíticos” em nossas intervenções, em

nossas posições ou no que acontece durante a sessão? De certa forma, sempre: sempre que estamos de olho na transferência, que acreditamos no inconsciente, que não abandonamos a velha primeira tópica e até mesmo interpretamos, propondo, juntos, palavras para o que até então não havia. Por outro lado, há um outro sempre, no sentido de que é impossível manter-se ligado na transferência permanentemente e não convém nomeá-la o tempo inteiro.

Assim, a atenção flutuante pode ser o nosso jurídico, mas, ao recuperarmos um ritmo mais livre de escuta, adentramos na entranha do que é mais autêntico e humano em nós mesmos. O antijurídico. O antianalítico. O que, sem pensar nessa transferência, é o que mais torna aveludado o seu cenário

transformador, quando lançamos um olhar empático, uma escuta comprometida, um não saber que não nos retira do embate para estar com até saber.

Evoca aquelas sessões – ou mesmo uma análise inteira – em que fomos pouco inteligentes (Winnicott), em que estivemos invadidos por silêncios transitórios ou muito prolongados e nem por isso deixamos de olhar, escutar e estar ali. Transportando-me para uma dessas, fabulei-me pedindo desculpas para um analisando, por ter sido tão pouco “analítico”.

No fundo, sabíamos que era verdade. Mas sobre essa verdade havia uma maior ainda, essa de que a sessão – ou toda a análise – havia fomentado transformações pungentes justamente lá onde não foi “analítica”.

Homenagem

Sobre Julio Campos

Lores Pedro Meller

Membro titular SBPdePA



Coube-me a difícil tarefa de escrever algumas palavras sobre o Julio. Ainda impactado pela morte do querido e velho amigo, ocorrida em 27 de julho de 2021, um turbilhão de lembranças aparece.

Foram mais de 50 anos de convívio, ora muito próximos, ora nem tanto. Julio era dotado de tantas particularidades, mas a mais marcante era sua voz grave e forte, que se impunha sempre, transmitindo um vigor e uma

vitalidade que nos asseguravam de que a morte estava longe dele. Daí a surpresa da notícia de seu falecimento: “não pode ser, é mentira”! Na realidade, perdemos o Julio. A Brasileira perdeu mais um dos seus fundadores.

Julio era criativo, combativo, não passava despercebido. Defendia com ardor suas ideias e gerava polêmicas; ele desacomodava. Esses traços marcaram sua constante presença nas diversas funções e cargos que desempenhou na Brasileira, onde foi analista didata, ministrou seminários, realizou supervisões e foi diretor do Instituto.

Além disso, Julio mantinha um especial interesse na cultura e nas artes, focando sua pesquisa nos processos criativos e no estudo da biografia de alguns artistas significativos e grandes gênios da humanidade. Em torno dele, aglutinou-se um grupo de colegas interessados no tema da criatividade.

Sob o ponto de vista pessoal, perdi um dos meus mais antigos

amigos; juntos, estudamos no Colégio Rosário, cursamos medicina em Pelotas; em Buenos Aires, fomos contemporâneos na formação na APA.

Neste momento, tomado pela inesperada morte, tristemente sou levado a lembrar fatos, vivências que passamos juntos ao longo desses muitos anos. No período da faculdade, nossas incertezas sobre a especialização: faríamos psiquiatria, mas onde? Para o Julio, Rio de Janeiro era o foco, enquanto eu vislumbrava a Argentina.

Estimulei-o a desistir do Rio e ir para Buenos Aires. Logo após sua formatura, casou-se com Ana Lúcia (fui padrinho) e mudou-se para Buenos Aires. Nova e importante etapa de sua vida, pessoal e profissional. Lá, teve seus

dois filhos (Vanessa e Fernando), fez sua Formação Analítica e sua análise pessoal com Angel Garma. Concomitantemente, fez a Formação Psicanalítica de Infância e Adolescência, supervisionando, com Susana Ferrer e Eduardo Salas, expoentes na área. Em todos esses momentos, estivemos bem próximos.

Depois de 7 anos na Argentina, em 1980, retornou à Porto Alegre. Aqui, ao longo desses mais de 40 anos, sempre ativo e entusiasmado, participou em diversas instituições, no CEAPIA, no CEP e na Brasileira, a qual ajudou a fundar.

Perdi um grande amigo.

Julio será sempre lembrado como um membro querido, inquieto, criativo.

A Brasileira está de luto.

Prosa e verso: nos campos com Julio

Celso Gutfreind

Psicanalista e escritor. Membro titular em função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Foram 15 anos de análise, ou seja, de um encontro verdadeiro. Julio abria campos, e não há como sintetizá-los; ele ensinando a ser firme (como a sua voz de fora e de dentro), em uma ternura encantada com a poesia. E mais algo nem de um nem de outro, porque de ambos, a terceira melodia, fruto único das duas primeiras, únicas também.

Todo senão, nuance, ambiguidade pendiam sempre para o lado mais cheio do copo, conforme a sua metáfora popular, ele que extraía tantas outras dos locais mais inusitados. A do avião, a do banco, a do diapasão, a do *wireless*, um mundo de sentidos novos e capazes de vencer as mortes em vida.

E mesmo sabendo que uma análise não é pedagógica, não evitava ser excelente professor da esperança e do otimismo. Transmítia-os em cada silêncio,

em cada interpretação, em cada uma de suas máximas, que eram muitas e se renovavam, livres até mesmo da teoria.



Dr. Julio Campos

Conhecedor profundo dessas teorias, quando elas pareciam mínimas, tinha as suas próprias, de olho nas do outro, quando autênticas, com essa qualidade essencial, mas rara, até mesmo para os pais: deixar o outro ser e vibrar com isso.

Livre para rir ou mesmo gargalhar, não se furtava em marejar os olhos nos momentos mais comovidos de uma transformação.

Criativo, também foi um artesão de móveis, um professor de criatividade que, mesmo não se ensinando, podia ser aprendida. Um criador de criadores. Um artífice de encantamentos. Um estudioso incansável das pontes desconhecidas entre o corpo e a alma.

Psicanalista sem deixar de ser mago, tal era a capacidade de acolher a sujeira e incentivar a pérola. Sempre foi claro: não era adepto de análises didáticas, mas de análises. Assim começamos. E, por mais que enfrentasse corajosamente as resistências, ele optava sempre pelo que, além delas, conseguia manter-se vivo porque queria estar vivo.

E assim terminamos, se é que um encontro desses termina.

Depois de fazer pensar, também ensinava a sentir, retirando pedra por pedra dessas que, ao longo de uma infância e mesmo depois, pifam o aparelho de sentir. E, com ele, o pensamento, como em Pessoa ou Maiakovski, já era sentimento espalhado por quinze anos e uma vida inteira.

Também por isso é enorme a tristeza que eu sinto agora. Do tamanho imensurável de uma gratidão.

Dias depois de eu iniciar a minha análise com o Julio Campos, encontrei-me com ele à saída de um *show* do Chico Buarque. Encontrei-me é modo de dizer; ele nem me viu. Para ser mais exato, nossos carros se encontraram na saída do estacionamento. O meu atrás, e esse detalhe, logo mais, será importante.

A satisfação de constatar *in loco* que o meu futuro analista apreciava o melhor da MPB foi logo substituída pela visão de um braço para fora da janela, terminando em uma mão que segurava um cigarro. Poderia ser recreativo, mas, como havia uma multidão de admiradores da melhor MPB, o primeiro cigarro foi substituído por mais dois, antes

que o analista-fumante saísse, sem ser visto.

Mas ouviu, já na sessão seguinte, a minha preocupação com a cena. Julio se manteve sereno e, quando terminei as minhas queixas, limitou-se a dizer que eu precisava pensar muito bem antes de iniciar a análise com um fumante. E não havia ironia em sua fala.

Essa marca, que é o reconhecimento dos próprios limites, sem negar a amplitude de sua própria humanidade, jamais estaria ausente no Julio, assim como nunca, mas nunca deixaria de reconhecer algum deslize ou algo que o tempo mostrasse não ter sido a melhor das interpretações.

Quanto a mim, já na semana seguinte, pude concluir que um eventual tabagismo não era maior do que as qualidades humanas para além dos ismos e que já se faziam presentes, incluindo essa. Como dizia **o próprio** Julio, acertadamente, se já é impossível saber quando e onde vamos morrer, é ainda mais arriscado saber do quê.

Mas, ainda que aqueles cigarros depois de um espetáculo do Chico Buarque (um fumante

inveterado) tenham participado do final da jornada do Julio, não guardo o menor arrependimento de ter vivenciado parte dela.

Mais valem quinze anos fumados e bem vividos do que uns tanto mais, desvitalizados, sem a mesma qualidade de fruição.

Passa um herói
de altos e baixos
- o anti-herói –
atado ao real.

Há um serviço,
reclamações
entre a relva
e o horizonte.

Disca-se longe:
- E como ficam
as expansões
essas que vinham?

Já não vêm mais,
postas no fogo
ou, liquefeitas,
vão água abaixo?

Morto, o herói
com a verdade
desde o começo:
ser sem com ele.

Lançamento

Dicionário da IPA

Giuliana Chiapin

Membro do Instituto

Julio Campos

Membro titular da SBPdePA (in memoriam)

O dia 11 de junho foi um dia festivo para a SBPdePA, que chancelou o lançamento brasileiro do IRED – Dicionário Enciclopédico Inter-Regional da IPA. Contamos com a presença virtual de vários expoentes psicanalíticos de nível global como Stefano Bolognini,

da Itália (ex-presidente da IPA, mentor e coordenador do projeto), Abel Fainstein, de Buenos Aires (consultor geral), Ines Bayonda, da Colômbia (coordenadora da América Latina, representada por Abel no dia), Eva Papiasvilli, de Nova Iorque (coordenadora da América

do Norte), Arne Jermstedt, da Suécia (coordenadora da Europa, representada por Eva) e Elias Mallet da Rocha Barros (ex-coordenador da América Latina), Ane Marlise Port Rodrigues (Presidente da SBPdePA) e Christiane Paixão (Diretora Científica da SBPdePA).

O evento foi coordenado por Julio Campos (membro titular) e contou com a participação de Giuliana Chiapin (membro do Instituto da SBPdePA), que trouxe sua experiência como leitora do IRED, já que o dicionário/enciclopédia é um instrumento fundamental para os psicanalistas em formação.

O IRED foi desenvolvido para psicanalistas, mas também para todos aqueles interessados em Psicanálise. É uma ferramenta que contempla a profundidade dos conceitos psicanalíticos, ao mesmo tempo que abre o olhar respeitando a amplitude humana e, portanto, teórica. Está disponível nas quatro línguas oficiais da IPA: inglês, francês, alemão e espanhol, além de italiano, português, farsi, chinês, hebraico, japonês, romeno e russo. Todas essas traduções já são, por si só, uma lembrança do quão diversos somos, mas também quão potente é a Psicanálise como ciência capaz de atravessar e afetar todas essas culturas.

Ainda mais inovador é o fato de o IRED estar disponível na

internet, no *site* da IPA, de graça para quem quiser acessar. Isso é democrático e, num mundo tão desigual, revolucionário.

Outro aspecto interessante é a combinação de um dicionário com enciclopédia: cada conceito é cuidadosamente explicado a partir do seu histórico e desenvolvimento até as complexidades contemporâneas, preservando a riqueza da variação das ideias, significados e utilização técnica do conceito. Não se trata de uma integração, mas uma vasta representação com convergências e diferenças, descritas em total respeito às especificidades teórico-culturais.

A filosofia do IRED representa, assim, a unificação científica da IPA, sua amplitude internacional e o desafio de representar todos os seus membros. Sobre essa diversidade, Bolognini destaca que o IRED tem um aspecto antinarcisista porque lembra como outros analistas, grupos, escolas e culturas psicanalíticas existem e trabalham de forma original e podem, potencialmente,

enriquecer um ao outro. Eva Papiasvili comenta que o "outro é um amigo no qual temos muito o que aprender. O outro oferece uma nova visão, que não tínhamos antes. A visão do outro pode oferecer uma ponte transicional para uma compreensão mais profunda de qualquer conceito."

O outro é nosso tema de estudo e trabalho por todo tempo. O dicionário/enciclopédia parece levar isso em conta. Por ser *on-line* e *up-to-date*, deixa em aberto a possibilidade de reflexão e ampliação dos conceitos. Parece ser fundamental ter um documento que possa ser atualizado conforme os conceitos são pensados, preservando sua consistência e tradição. Que importante poder trabalhar com uma Psicanálise que inclui, se pensa e se transforma para dar conta do outro e não que faz o oposto, excluindo ou enquadrando. Que o IRED possa circular por aí ampliando a teoria e a técnica psicanalítica e fortalecendo os espaços de cuidado!

O encontro humano e o encontro clínico com René Roussillon

Astrid Elisabeth Muller Ribeiro

Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre

René Roussillon, psicanalista francês, ocupa um lugar de relevo na psicanálise contemporânea e dentro de nossa Sociedade Brasileira, pois tivemos a satisfação e a honra de tê-lo como nosso convidado em duas jornadas científicas da Brasileira. Sua primeira vinda a Porto Alegre foi em 2007 para a jornada *As Experiências Arcaicas e suas Linguagens*, quando se mostrou um brilhante conferencista e apreciador da música e da dança,

revelando ter sido bailarino na juventude. E a segunda vez foi agora em 2021, em nossa Jornada Científica *O Nascimento do Eu*, confirmando todas as nossas expectativas quanto a suas contribuições ao desenvolvimento da clínica psicanalítica atual.

Nosso primeiro contato com esse autor foi por meio do estudo do seu primeiro livro lançado no Brasil, *Paradoxos*, em 2006, e o conhecemos pessoalmente em sua supervisão de um caso de nosso

grupo de estudos Espaço Potencial. Mas, no estudo de seu último livro, *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*, realizado com o nosso grupo Espaço Potencial, aconteceu um tipo de novo encontro de Roussillon comigo, quando me percebi em muitos diálogos internos com ele, fazendo um tipo de supervisão, pensando sobre meus pacientes e revendo minhas compreensões de casos difíceis que me inquietavam. Compreendi



então que, justamente por esses casos despertarem tantas dúvidas e sensações contratransferências, seriam os casos de análise dentro daquilo que René denomina casos-limite, referindo-se à clínica que confronta o analista com os limites da técnica da psicanálise clássica quando este se depara com as agonias da sobrevivência psíquica do paciente.

Desafiada pelo convite para apresentar este autor, antes dessa segunda participação em nossa jornada, pensei muito em como abordar suas ideias teóricas e o seu modo humano e talentoso de integrar as teorias psicanalíticas com sua prática. Ocorreu-me que a melhor forma seria demonstrar como também fiz esta integração no meu trabalho clínico.

Por vezes, me percebia preocupada porque alguns pacientes não evoluem na análise, gerando dúvidas sobre se eu poderia ajudá-los. Mesmo que tenham sido avaliados dentro de uma estruturação edípica por apresentarem as defesas clássicas dos quadros neuróticos, alguns, repentinamente, após momentos de uma grande frustração, revelam um fechamento autista, fechados em seu próprio mundo e, inclusive, se desconectando de mim. Em alguns desses casos, aconteceu um momento alucinatório e eu me perguntava: como assim? Não esperava esse quadro psicótico. Quem eram esses pacientes que eu não reconhecia?

Passei a pensar muito no que isso significava, dedicando-me a estudar e pensar com colegas sobre esses casos desafiadores. A minha forte resposta contratransferencial de angústia, nesses casos, só consegui encontrar sentido por meio do suposto diálogo com René, entendendo como é possível ficarmos presos numa armadilha transferencial. Assim, entendi que eu não estava no lugar das figuras parentais; eu era o próprio paciente, submetida e confundida com as figuras paternas.

Roussillon denomina esse fenômeno de "transferência pa-

radoxal", definindo-o como um estado limite da própria transferência. Assim, ele pensa esse fenômeno transferencial como não ser possível o simples recordar através da transferência, conforme se observa nos neuróticos, sendo o analista o alvo das projeções edípicas. Nesses casos-limite, ao contrário, primeiramente é necessária a construção de um aparelho psíquico ainda não bem constituído, que faz tentativas de colocar em palavras e dar sentido' à reativação histórica traumática



René Roussillon

vida precocemente, buscando encontrar palavras para simbolizá-la, constatando-se que o trauma foi primário e relativo à relação com o objeto, ainda não representado e nem simbolizado.

Para René, esses fenômenos contratransferências podem ocorrer em todos os processos de análise inicialmente, porque as defesas neuróticas começam a desnudar a clivagem que nelas teriam se infiltrado, e o processo fica ameaçado por uma reversão interna, como o retorno do clivado, e não o retorno do recalçado, como se entende classicamente, o reprimido ameaçando retornar. Nestas condições, o analista não é colocado no lugar das figuras da história libidinal do sujeito. Segundo ele, é o lugar do próprio paciente que o analista ocupa, fazendo o analista sentir e reviver o que não pôde ser simbolizado na experiência própria do sujeito.

Roussillon, apoiado nos aportes de Winnicott, explora a

noção de um trauma primário relacionado a uma decepção narcísica primária que ocorreu pela inadequação do ambiente em atender às necessidades do bebê. Entende que esse trauma primário produziu um trauma narcísico identitário, do tipo agonia psíquica, caracterizada por ser ainda sem representação. O sujeito, para sobreviver, sem saída, teve que se excluir da sua experiência agonizante, clivando-se. Ao mesmo tempo, tem que criar estratégias de sobrevivência. Pensa Roussillon, aqui com Winnicott, sobre o medo do colapso, quando se refere a uma experiência agônica que já aconteceu, mas que não pode ser simbolizada e que ameaça sempre retornar. René refere que é nesse momento que o sujeito, para se proteger do seu impacto desorganizador, tem que cortá-la de si, cindindo-se e, porque esta parte não está integrada, passa ameaçando retornar permanentemente – "do passado, volta como ameaça relativa ao futuro".

Para Freud, o trauma infantil, por ser tão precoce, só poderia adquirir significado *a posteriori*, ao ligar-se a outra cena que reativa a anterior. Assim, para Freud, seria um traumatismo secundário. Em seus textos posteriores, pensava o modelo do traumatismo e a sua possibilidade de cura concebida a partir da organização da sexualidade estruturada pela conflitiva edípica. Esta é entendida como realizada num aparelho psíquico já instalado e, portanto, considerando a repressão como mecanismo fundamental durante o trabalho analítico, e que poderia ser trabalhado na transferência através da associação livre, podendo o trauma ser recordado, e assim ser possível o acesso ao inconsciente pela capacidade simbólica do colocar em palavras.

Roussillon, entretanto, observou que, em muitos casos de transtornos narcísicos de identidade, estes ultrapassavam a capacidade de associação verbal

simples e se apresentavam como manifestações de patologias do afeto e dos atos, como reminiscências de experiências subjetivas anteriores à linguagem verbal. Para ele, as lógicas do objeto perdido-encontrado são substituídas pela lógica da busca de um objeto que não pode ser encontrado, que não estava lá quando precisou. A identificação que o sujeito estabelece será narcísica nessas situações e funcionará como um “tapa buraco” da ausência de apresentação, do que não se constituiu no processo de simbolização. Para René, a simbolização só acontece na presença do objeto e não o contrário, como se pensa que seria na sua ausência. A ideia da mãe como espelho supõe uma investida de busca de relacionamento com o outro como duplo do *self*. Para o autor, essa simboli-

zação dependerá do prazer desse encontro primário, numa experiência de mutualidade como pré-requisito para o surgimento dos símbolos, os quais portarão muitos traços desse encontro e união. Essa parece ser a centralidade das falhas no desenvolvimento desses casos que eu percebia não evoluírem na análise e que me possibilitaram uma maior compreensão das suas agonias tão inomináveis. Observava-se, nesses casos, que frequentemente a mãe, por profunda depressão, refletiu muito pouco no espelho parental estruturante, deixando, em alguns casos, o *self* do paciente a tentar incorporar o objeto e a parte do seu *self* que sente como confiscado pelo objeto, quando nada é refletido de volta. Pensa-se que é justamente aí que se encontra a origem da não diferenciação entre

self e objeto, paralisado pelo processo de luto pela perda do objeto em sua base, aprisionado em um paradoxo. Afinal, desistir do objeto seria desistir de uma parte de si mesmo que se encontra sequestrada dentro do objeto.

Referências:

Roussillon, R (2014). O Trauma narcísico-identitário e sua transferência. Revista Brasileira de Psicanálise, 48(3),187-205.

_____ (2004). Agonia e desespero na transferência paradoxal. Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. 11(1), 13-31.

_____ (2019). Manual da Prática Clínica em Psicologia e Psicopatologia. Blucher. (cap. 8) Winnicott, D.W. (1989). O Medo do Colapso. Explorações Psicanalíticas. Ed. Artes Médicas.

Eis aqui René Roussillon

Helena Surreaux

Psicanalista, membro em função didática da SBPdePA

A leitura de Roussillon se apresenta como uma continuidade natural para quem tem uma conversa fluida com Winnicott, modelo teórico fundamental na minha experiência clínica.

O psicanalista francês, nosso eminente convidado para a jornada da SBPdePA, estudou profundamente o pensamento winnicottiano, mas com uma forte ancoragem em Freud. Traz a metapsicologia freudiana revisitada pela contemporaneidade e enriquecida por toda a sua aventura no universo das interações precoces mãe-bebê, com suas venturas e desventuras.

Hoje, é o analista contemporâneo que constitui referência fundamental para todos nós, com

uma vasta e profunda obra, difícil de abarcar e cujo brilho se impõe naturalmente. Para apresentá-lo, no espaço possível do nosso jornal, tenho que priorizar um recorte a partir do que mais se destaca nas suas concepções, atravessado, é claro, pela minha subjetividade nessa escolha.

Roussillon teve uma experiência clínica fortemente marcada pela psicose. Em seus começos, o encontro com o sofrimento agônico da doença mental, no trabalho em hospital psiquiátrico, deixou impactos que reverberam, atravessam e talham profundamente a sua produção teórica.

“Meu trabalho em muitos momentos foi com pessoas muito loucas. [...] o que fazemos com o que

sabemos da psicanálise em situações nas quais um paciente está escondido debaixo da mesa? [...] Todos os livros que eu escrevi foram no sentido de compreender o que se passava nestes diferentes casos, e de quais teorias tínhamos necessidade para atender a estes pacientes. Posso dizer que há trinta anos continuo na busca.” (Entrevista à SBPSP – outubro/2009).

De fato, o contato com a sua obra nos confronta diretamente com a atenção que dá à presença do trauma precoce e as suas nefastas repercussões na integração do sujeito, produzindo os transtornos que ele chama de narcísico-identitários. São distúrbios na constituição e integração da personalidade devidos à feridas no Eu, por



conta de uma relação acidentada com o objeto cuidador nas fases mais precoces da vida. Sofrimento que tem lugar quando o registro da presença do outro é de ordem traumática, que arrebenta com a "continuidade de ser" (Winnicott), impedindo a construção de representações da experiência que possam integrá-la ao Eu.

O ser humano incipiente, caracterizado pelo desamparo e pela dependência absoluta do objeto protetor, ao sofrer o fracasso ambiental, se vê invadido pelas agonias e seu poder desintegrador, o que impede a organização daquilo que Roussillon chama de simbolização primária. Essa organização inicial é a condição para uma subjetivação da experiência, que deve acontecer em dois tempos. A primeira operação parte dos traços da vivência com o objeto, da *coisa* em si (experiência em bruto). O processo simbolizante segue com a construção de uma representação de *coisa*, um primeiro desenho imagético da experiência sensorial. As marcas do trauma, nesse momento da constituição psíquica, ficam inscritas como traços mnésicos percebidos, mas não simbolizados, carentes de desenho psíquico.

A simbolização secundária já inclui certa apropriação da experiência a partir da linguagem. A criança sai da condição de *infans* e passa a ser habitada por rudimentos de pensamento. A palavra, com sua capa protetora contra a nudez do vazio simbólico, entra em cena. Veste o sujeito, desnudo na intempérie do nada, com as roupas do sentido. É o segundo tempo da apropriação subjetiva da experiência.

O trauma precoce se situa antes da simbolização primária, já que o encontro disruptivo com as agonias precoces é o que precisamente obtura a sua construção. Essa é a situação que conduz ao uso de defesas primitivas, como a clivagem, rumo desesperado no sentido da sobrevivência psíquica. Entretanto, essa "solução" pode ser equiparada ao conflito de Fausto (Goethe),

um pacto com o diabo, que salva e mata ao mesmo tempo.

Este é o paradoxo inerente à clivagem do traumático: para sobreviver, o Eu cinde e tenta descartar a experiência produtora de dor, herdeira da vivência agônica. Entretanto, essa operação cobra seu preço, levando a um claro empobrecimento da personalidade. A evitação do "re-contato" com o traumático exige um investimento incessante do Eu para manter a mutilação da parcela agonizante da história psíquica. Essa condição da existência escraviza o sujeito numa lógica de sobrevivência psíquica, obstaculizando uma relação equilibrada e satisfatória com outras pessoas, na qual, em última análise, reside a fonte de uma experiência gratificante na vida.

Segundo uma analogia de Ferenczi, o efeito paradoxal da clivagem leva a uma espécie de autotomia (morte do si mesmo) psíquica. Este é um fenômeno da biologia no qual alguns animais, como a lagartixa, diante do perigo, permitem que se perca uma parte do corpo, que é entregue ao predador, escapando com o resto.

Assim, na esfera psíquica, nessa autotomia da alma, o sujeito, para se manter vivo, se deixa parcialmente morrer por meio da clivagem narcísica, como descreve Wislawa Szymborska em seu belo poema intitulado justamente *Autotomia*, do qual cito uma parte:

Em perigo, a holotúria se divide em duas:

com uma metade se entrega à voracidade do mundo,

com a outra, foge.

Desintegra-se violentamente em ruína e salvação, em multa e prêmio, no que foi e no que será.

No meio do corpo da holotúria se abre um abismo

com duas margens subitamente estranhas.

Em uma margem a morte, na outra a vida.

Aqui o desespero, lá o alento...

A clínica que propõe Roussillon aos pacientes severamente trau-

matizados questiona a tendência a dar por garantida a condição de associatividade no funcionamento da psique. A associação livre, que Freud descobre e anuncia como a regra técnica fundamental, se insere na concepção essencial do edifício freudiano a partir da ideia de representação psíquica, com as associações por contiguidade ou simultaneidade que estão na origem das reminiscências e a transferência como emblema desses enlases. Essa lógica, que se origina numa cadeia simbólica representacional, se expressa naturalmente no discurso do analisando e seus elos obscuros buscarão ser revelados no diálogo analítico. Portanto, trata-se de uma questão ligada ao recalque e ao retorno do recalque.

Pois bem, o desenvolvimento teórico-clínico de Roussillon procura, justamente, estender o campo de eficácia da análise aos pacientes lesados na construção da simbolização primária pela ação disruptiva do trauma precoce e sua condição obturante do psiquismo. A elaboração que propõe para um processo terapêutico com esses analisandos passa pela construção, no contexto da análise, da simbolização ausente. "Situamos o trabalho de simbolização no coração da clínica" (Roussillon).

Assim, nesse caminho, o analista deve se preparar para enfrentar o desafio clínico do encontro com o retorno do clivado e seus demônios. O sofrimento indizível das agonias protagoniza a cena psíquica e retorna, com seu legado mortífero, na forma de alucinações, somatizações e passagens ao ato, exigindo uma postura de cuidado e elasticidade técnica por parte do profissional. "[...] A ideia é que eu crie ou proponha um dispositivo que me pareça o melhor para aquela pessoa, sempre num trabalho psicanalítico. Se o divã traz intolerâncias, faço sem divã. Para mim o que importa é pensar qual será o melhor dispositivo para que este paciente faça seu trabalho interior" (Roussillon em entrevista à SBPSP).

Escuta da dor psíquica

Astrid Müller Ribeiro, Ian Nathasje e Siana Pessin Cerri*

Uma pandemia tão prolongada desperta mais fortemente sentimentos de incerteza e de temor para com o futuro. O medo da morte, o isolamento social, as perdas econômicas e de entes queridos agravam os sentimentos de desvalia e de insegurança, gerando sensações de desânimo e de desesperança. As dores e angústias vividas na atualidade encontram, muitas vezes, ressonâncias com angústias dos primeiros tempos da nossa existência, tempos de nosso ser enquanto bebê ou criança. Alguns sentem-se mais desamparados e entram em profundo sofrimento. Outros, tendo uma estrutura interna mais fortalecida, conseguem lidar com resiliência e força criativa, inventando novas formas de viver em tempos difíceis e limitadores.

No dia a dia, as pessoas tendem a repetir atitudes e emoções sem se darem conta da relação com suas vivências infantis. Repetem com as impressões de seu infantil interno tanto em seus aspectos bem-sucedidos quanto em seus aspectos traumáticos. O sujeito em tratamento analítico terá a escuta do infantil que o habita. Espaço de acolhimento do sofrimento da criança no adolescente e no adulto. Acessar as dores subjetivas e suas marcas, criando, a dois, novos significados e narrativas, é da essência do trabalho do analista com seu analisando.

Na pandemia, a angústia e o medo da morte estão muito acentuados e acionam nosso sistema de defesas diante das ameaças. Desconfiança, agressividade, irritabilidade, tristeza, insônia, tédio, vazio e desesperança são apenas alguns dos vários estados emocionais que podem surgir ou se intensificar. Também se pode negar a realidade e, em estados eufóricos, colocar-se em risco quanto ao vírus. Temer que outra pessoa faça mal, como no medo da contaminação, pode deixar a pessoa ainda mais isolada e sozinha.

Desde o início da pandemia, em março de 2020, observamos que aumentou a demanda por consultas no Centro de Atendimento Psicanalítico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (CAP – SBPdePA), com a busca de tratamento analítico. A intensificação do sofrimento individual, coletivo e social e as exigências de *lockdown* levaram os atendimentos para o formato *on-line*. A facilitação



*Texto originalmente publicado em Zero Hora
Caderno Vida (26/06/2021)*

de acesso *on-line* possibilitou uma maior procura por ajuda psíquica. Constatamos que o perfil das pessoas que vêm procurando esse serviço foi, em sua maioria, de mulheres, entre 30 e 40 anos, mas também crianças, adolescentes e casais. Por ser *on-line*, puderam chegar pacientes do nosso estado, do Brasil e do exterior.

O número de infectados e de mortes pela covid-19 segue presente em nosso meio, atingindo diretamente a saúde mental de todos. Esse grande sofrimento nos faz questionar por onde anda a esperança. Torna-se importante manter a esperança de que tudo passará e de que a vida voltará a ser menos sofrida e mais livre. Manter, conforme o poeta Paulo Freire, o uso do verbo “esperançar”:

“É preciso ter esperança, mas ter esperança no verbo esperançar... Esperança é se levantar, esperança é ir atrás, esperança é construir, esperança é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.» Nota-se que, para desenvolver esse sentimento, é necessário ter vivido a experiência de superar desafios e de resolver problemas. As possibilidades de luta pela manutenção da vida já vêm desde a infância por meio das experiências

familiares e do ambiente. Sempre precisaremos do outro para sobreviver e dar sentido à vida. A busca de ajuda e a troca com o outro (familiar, vizinho, amigo, colega, analista e outros) são fundamentais para manter a melhor saúde psíquica possível,

principalmente, em períodos tão desafiadores como o que estamos vivendo.

*Respectivamente, psicanalista, psiquiatra e psicóloga da SBPdePA

Notícias

Diretoria Científica

Christiane Paixão

Membro titular da SBPdePA e Diretora Científica

Quase dois anos se passaram e chegou o momento de nos despedirmos da gestão do científico da Brasileira. Não foram anos fáceis, como todos podem imaginar, e não apenas imaginar porque todos vivemos. Por isso, fazendo o exercício de olhar para trás, parece inevitável pensarmos: como sobrevivemos a isso? Como atravessamos essa tormenta e com o que contamos ao longo desse trajeto?

Cada um, individualmente, teve que lidar com o impacto dessa situação traumática causada pela pandemia na sua vida familiar e profissional. Do ponto de vista institucional não foi diferente, pois tínhamos que manter o navio navegando em segurança apesar do mar revoltado e, para isso, contamos com a capacidade de investimento libidinal de todos os membros da casa que sempre prestigiaram e aceitaram os convites da comissão científica para enriquecer nossas atividades. Surpreendentemente, fomos descobrindo as vantagens do modelo virtual e vendo aumentar o número de participantes presentes também de outros lugares do Brasil.



E no meio disso tudo, morte e vida aconteciam em nós; passamos por perdas importantes de colegas queridos que deixaram saudades, tememos pela saúde de outros que, felizmente, se recuperaram e tivemos uma conquista histórica com a aprovação do projeto Ubuntu, deixando um sentimento de confiança na capacidade de cuidarmos uns dos outros.

Além de todas as atividades científicas organizadas ao longo dos dois anos, organizamos também a jornada bianual com o tema *O Nascimento do Eu*, a primeira inteiramente *on-line*. O interesse pelo tema e pelos honrados convidados Anne Brun (França), René Roussillon (França) e Marion Minerbo (Brasil) atraiu um grande e entusiasmado público.

Por fim, o meu agradecimento mais que especial, entusiasmado e caloroso ao grupo da comissão científica – Kellen Gurgel Anchietta, Magda Barbieri Walz, Rafaela

la Degani e Renata Manica – que me acompanhou nesses dois anos e que topou o desafio de pensar, inventar e desacomodar ao propor temas estimulantes e difíceis. Também um grande e caloroso agradecimento às queridas(os) colegas que se somaram à comissão e juntos formamos o time organizador da Jornada. São eles: Camila Reinert, Cibele Formel Couto, Thércio Brasil e Vera Maria Pereira Mello. Um outro muito obrigada a toda a equipe da secretaria, fiéis escudeiras, que mantiveram tudo em funcionamento nesse tempo tão desafiador.

E, por último, um super obrigada à querida amiga e colega Ane Marlise Port Rodrigues por me convidar a fazer parte desse valioso e valente grupo de colegas que cuidaram com zelo e empenho da nossa Sociedade e com quem tive o privilégio de compartilhar bons momentos ao longo dos dois anos de trabalho.

CAP – Centro de Atendimento Psicanalítico da Brasileira

Astrid Elisabeth Muller Ribeiro
Diretora do CAP



A ênfase e os objetivos desta diretoria foram fortalecer o espaço do pensar sobre a clínica psicanalítica em nossa Sociedade. Entendemos que é pela troca de experiências teórico-clínicas que podemos estimular e aperfeiçoar a nossa escuta analítica na sua prática. Além disso, por meio do incentivo e da adesão de colegas para o nosso Centro de Atendimento, teremos uma maior divulgação à comunidade em geral, o que proporcionará uma maior experiência clínica aos membros do instituto e, também, mais acesso à análise para a população com menor condição econômica. Em junho, tivemos a última atividade do ciclo de quatro encontros, que foi nomeado Diálogos sobre a Clínica Psicanalítica, no qual contamos com a participação de Luís Claudio Figueiredo, psicanalista renomado de São Paulo e autor de vários livros de psicanálise.

O evento teve a participação de um público de 190 pessoas. Foi um momento de significativas trocas de conhecimentos sobre *A Transferência e Contratransferência nas Clínicas Atuais*. Nesse evento, reforçou-se a ideia de pensarmos a relação analítica com pacientes, podendo ela se aproximar o melhor possível para se manter como uma relação humana. Seguiu-se a essas atividades, no segundo semestre, outro ciclo de estudos de três encontros, sendo realizado um por mês. Foram mesas-redondas tratando sobre a escuta do analista em Freud, com a participação de Lores Pedro Meller e Siana Pessin Cerri, Winnicott, com Celso Halperin e Ian Favero Nathasje e Bion, com Beatriz Behs e Thércio Andreatta Brasil. As discussões contaram com colegas membros titulares e do Instituto, que ilustraram, com material clínico, o pensamento de cada um dos autores.

Visando divulgar o CAP e promover a saúde mental, no dia 26 de junho, a comissão publicou uma matéria no jornal Zero Hora, no Caderno Vida. Além disso, durante o semestre, foi elaborado um novo fôlder do Centro de Atendimento, que teve como intuito comunicar de forma simples e coloquial o funcionamento desse serviço e como a comunidade pode acessá-lo.

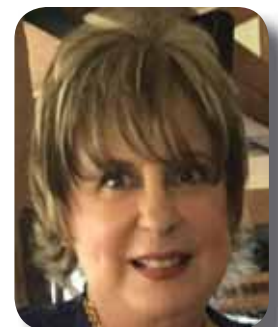
Finalizando, gostaríamos de deixar registrado o prazer e a satisfação de fazermos parte da comissão CAP na gestão 2020/2021. Foram dois anos de muita troca afetiva, de conhecimento e de crescimento. Um forte abraço a todos e um novo ano com mais esperança!

Comissão do CAP: Astrid Müller Ribeiro, Ian Nathasje e Siana Pessin Cerri

Notícias do Instituto

Silvia Skowronsky

Psicanalista. Diretora do Instituto de Psicanálise da SBPdePA. Membro titular com função didática plena.



Abel Fainstein foi o convidado inaugural do segundo semestre de 2021. Nosso interrogante para pensarmos juntos foi sobre o modelo de

formação, um articulador de aberturas para autonomia e autoria!

O saber é uma construção constante.

Lembro que um lugar com a inquietante fecundidade do saber supõe o espaço da incerteza; é o que autoriza a indagação.

Essa sabedoria é o legado de Freud com a Psicanálise: um especial modo de utilizar a teoria com seus modelos. Sobre o conhecimento de si próprio, das emoções; enfim, do tempo e da importância de se tomar posse da história e de se descobrir um saber pensar. Freud garantiu, assim, importante raiz, com suficiente autonomia para a independência do percurso da forma de ação de um psicanalista.

O Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre é o lugar da instituição que recebe os futuros membros psicanalistas, uma zona de construção, com um modelo de formação inspirado na valorização da liberdade e autonomia, um percurso de autoria, em que formação significa uma especial forma de ação, autoria de uma práxis conceitual teórico-clínica.

A liberdade é intransmissível, requer uma elaboração pessoal e singular, também a sabedoria.

A gente é o texto possível do contexto.

Mas o trânsito precisa estar livre, senão engarrafa, paralisa tudo.

Os arquivos precisam ser atualizados para abrir em novos programas mais complexos. Então o atemporal circula para pensar, rir ou até chorar, mas, afinal, uma posse da história. O tempo é invencível! Sempre existirá. Acredito que frequentar memórias é uma espécie de vingança ao inevitável. Porque, desde Freud, descobrimos que a memória é um desagravo à finitude, um desacato diante da morte.

Nosso poeta Lupicínio Rodrigues, inspirado, cantou:

“O pensamento parece uma coisa à toa, mas a gente voa quando começa a pensar!”

Lembrei que uma antiga sabedoria dizia que a imortalidade possível são as ideias, a prole e o amor. O amor, no tempo que voa, e que inspira o hoje, chegando ou não no futuro amanhã, não é imortal, mas cria inesquecíveis memórias para além da nossa morte, pois o amor que

despertamos continua a seguir o seu caminho.

A nossa alegria nos últimos dias andou triste, vestida de pesar com a perda de nosso querido Julio Campos. Então, hoje, proponho homenageá-lo, vamos continuar o que ele gostava de fazer: pensar! Espero que nossas ideias iluminem nosso pesar para pensar o amor que partilhamos pela Psicanálise.

Finalizo com meu tributo à Psicanálise de Freud, um elogio ao Mestre porque inventou a escuta e inaugurou a pergunta, e que nos convida à procura: sobre um singular saber, sobre amor e especialmente sobre encontros transforma-dores.

Obrigada, Dr. Freud, por uma raiz com asas da liberdade, um especial atributo para o exercício da cidadania de psicanalista nesta casa de Freud, a IPA.

Instituto da SBPdePA: Lísia Leite (secretária), Patricia Goldfeld (coordenadora da Comissão de Seminários), Laura Ward da Rosa (coordenadora da Comissão de Formação) e César Antunes (coordenador da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência).

Diretoria de Relações com a Comunidade

Caroline Milman

Diretora

Estamos próximos ao fim de uma gestão marcada pelo impacto da pandemia de covid-19, que nos atropelou e, ao mesmo tempo, fez com que tivéssemos que criar



e reinventar uma maneira de seguir ativamente nosso trabalho como psicanalistas. O desafio de coordenar esta área na gestão 2020/2021 foi ainda maior e também mais complexo.

Por outro lado, creio que podemos dizer que saímos engrandecidos e muito honrados com a possibilidade de estarmos trabalhando as relações com a comunidade justamente neste biênio, em que mais do que nunca

a aproximação da psicanálise com a comunidade se fez necessária.

Gostaria de agradecer imensamente à nossa presidente Ane Marlise Port Rodrigues, que confiou a mim esta função, e além dela, a toda nossa diretoria, Astrid Ribeiro, Christiane Paixão, Loes Meller, Rosa Squeff, Silvia Katz e Tamara Ferreira, pela parceria e apoio incondicionais. À minha grande Comissão, em tamanho e em competência, que aceitou

fazer parte, comigo, deste projeto: Carmen Nogueira, Giuliana Chiapin, Helena Surreaux, Janine Severo, Léia Klochner, Rodrigo Boetcher, Sandra Fagundes e Siana Pessin Cerri, o meu mais sincero muito obrigada! E, finalmente, agradeço a oportunidade de poder pertencer e trabalhar por esta instituição, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, um dos firmes pilares da minha trajetória pessoal e profissional.

Notícias da AMI

Após dois anos na diretoria da AMI, temos muito a agradecer. Foi um tempo de incertezas e de muitas perdas. No entanto, muito aprendizado, amizades e afetos compartilhados. Durante nossa gestão na AMI, estivemos todo tempo sob a pandemia da covid-19. Após digerirmos o susto e nos adaptarmos aos percalços, pudemos trabalhar remotamente e mantivemos as atividades da AMI, sempre em sintonia com o nosso Instituto e com a diretoria da SBPdePA. Agradecemos seu apoio e suas sugestões. Sobretudo, agradecemos aos nossos colegas membros do Instituto pela paciência conosco, pela parceria, pelas sugestões, críticas e toda a libido investida na AMI. Isso nos fortaleceu e nos inspirou nos momentos de dificuldades.

Tivemos o prazer de receber Gley Costa, César Antunes e Gildo



Katz, que muito nos enriqueceram compartilhando suas trajetórias no nosso já clássico *Fale-me mais sobre isso*. Realizamos o Simpósio da AMI em 2020, e o de 2021 logo virá, sendo sempre um evento especial para todos os membros do Instituto que desejam mostrar alguma de suas produções.

Em breve, um novo ciclo se iniciará e a vida se renova.

Muito obrigado a todas e todos.

Diretoria AMI: Camila Reinert, Carmem Nogueira, Luciana Buseti e Thércio Brasil.

Diretoria de Divulgação

**Tamara Barcellos Jansen
Ferreira**

Membro associado da SBPdePA e
Diretora de Divulgação

A primeira gestão da Diretoria de Divulgação se encerra, tendo iniciado com a explosão da pandemia em âmbito mundial. O momento exigiu, entre tantas novidades, uma ampla adaptação de todos.

Os meios tecnológicos de divulgação e comunicação tornaram-se exclusividade, obrigando-nos a utilizar meios eletrônicos e plataformas como forma única de comunicação tanto no atendimento aos pacientes como nas atividades científicas e, também, nas formas de divulgação das diversas atividades promovidas pela nossa Sociedade.

No aspecto afetivo, foi difícil passar por esse período. Perdemos colegas, amigos, familiares...

A angústia e os sentimentos de desesperança atingiram a todos nós, humanos que somos.

Dando um destino a essas intensidades, surgiu o projeto Inspirações à Brasileira que, durante 10 meses, ao longo do ano de 2020, realizou postagens semanais, fruto da criatividade e inspiração dos nossos colegas da Sociedade. Foram textos, poesias, fotografias e pinturas elaborados autoralmente. Todo esse material foi compilado em um vídeo que está no nosso *site*, e as postagens,



no *feed* do Instagram e Facebook da SBPdePA.

Encerramos 2020 com a inauguração do novo logotipo, que foi criado e escolhido com ampla participação de todos da SBPdePA. Esse foi o primeiro passo para a reformulação da identidade visual da nossa Sociedade, mais adequada à Brasileira de hoje. Respeitando e considerando toda a história da instituição, atualizamos, a partir do novo logotipo, as postagens nas redes sociais e, finalmente, reformulamos o *site*.

Essa nova identidade visual apresenta: área de acesso restrita aos membros (portal acadêmico, financeiro, *blog* interno etc.); privilegia o aporte aos eventos e suas respectivas inscrições; facilita a visualização de gravações e vídeos das atividades da SBPdePA; oferece a oportunidade para a compra de revistas e vídeos e, ainda, proporciona o acesso ao atendimento pelo CAP, disponibilizando o formulário

para ser preenchido já no próprio *site*.

A Brasileira está renovada, revitalizada e preparada para as novas etapas do seu crescimento. Está adequada às novas demandas tecnológicas e humanas, sem perder de vista a sua essência e história.

Foi essa base forte e consistente que nos impulsionou a buscar uma Brasileira que conservasse a tenacidade dos colegas que nos antecederam e, ao mesmo tempo, permitisse a interlocução com um novo tempo. Encerramos nossa gestão com o sentimento de termos contribuído para estes novos horizontes da nossa Sociedade.

Agradecemos a todos pela colaboração, estímulo, contribuições e, em especial, pela parceria afetiva, ao longo desses dois desafiadores anos.

Comissão de Divulgação: Aline Santos e Silva, Fabiana Britto Grass, Gabriela Seben, Juliana Lang Lima e Nora Helena Steffen

Núcleo de Infância e Adolescência (NIA)

Aline Pinto da Silva

Membro associado e Coordenadora do NIA

Queridos colegas,

Em tempos tão estranhos, embora distanciados por cuidado à vida e temerosos ao vírus, nos vimos convocados a nos reinventar e lançar mão de processos criativos.

Estranhamente, como fruto desses tempos tão ambivalentes e intensos, em que tanto a vida como a morte ficaram em descarada evidência, embora atravessada por sentimentos muitas vezes contraditórios, a equipe NIA transformou tudo isso em potência de trabalho e de ligação.

O ano de 2021 foi mais um ano de consolidação do trabalho do Núcleo de Infância e Adolescência da SBPdePA. Em janeiro, ficamos muito honradas com a aprovação da proposta junto à Comissão de Prática Analítica e Atividades Científicas da IPA, o conhecido CAPSA. Esse projeto reflete a continuidade do foco de interesse que vem permeando nossos estudos: a diversidade cultural e suas repercussões na clínica psicanalítica de bebês, crianças e adolescentes.

Assim surgiu o projeto *A clínica psicanalítica de bebês, crianças e adolescentes mundo afora*. Neste primeiro momento, tivemos duas



conferências com convidadas internacionais que apresentaram o pensar psicanalítico atravessado por sua cultura. O primeiro encontro teve como convidada a psicanalista Florence Guignard (da Sociedade Psicanalítica de Paris). Florence nos falou, com muita propriedade, do infantil na adolescência. A atividade, que contou com a participação de um público expressivo, foi coordenada por Aline Pinto e teve como mediadora nossa colega Vera Mello. Já o segundo encontro do projeto contou com Christine Anzieu-Premmeurer (membro do Instituto Psicanalítico de Nova York). Em sua conferência, falou sobre o *Colapso depressivo da criança pequena e qualidade do brincar nas psicoterapias pais-bebês*, tema denso que Christine foi apresentando junto a muitas interessantes vinhetas clínicas. Como mediadora, convidamos a colega Ester Litvin.

Aproveitamos para agradecer ao CAPSA e às colegas que aceitaram a proposta de mediar tais atividades, que muito nos orgulharam.

Também agradecemos à diretoria da sociedade, a nossa presidente Ane Marlise Port Rodrigues, a parceria de Christiane Paixão, nossa diretora científica e da Tamara Ferreira, diretora de divulgação e suas equipes.

Fazemos um agradecimento muito especial a Patrícia Goldfeldt por sua pronta disponibilidade e generosidade em fazer a tradução do texto da conferência de Florence Guignard.

Por último, mas não menos importante, além desse marcante evento internacional patrocinado pela IPA, mantivemos nosso já conhecido Café com NIA, atividade interna de discussão de temas pertinentes à infância e adolescência. Ainda de modo *on-line*, nas sextas pela manhã,

nos encontramos para trocas teóricas e técnicas sobre a clínica e diferentes aportes psicanalíticos, além do diálogo com outras áreas que enriquecem nossa identidade analítica. Contamos com a participação de colegas que muito nos honram e encham de orgulho!

Gostaríamos de agradecer a todos que estiveram conosco, de diferentes formas, participando e contribuindo para a vitalidade do NIA.

Vamos adiante!
Um grande abraço a todos e

desejos de que no próximo ano possamos nos encontrar para desfrutarmos um café juntos!

Equipe NIA: Adriana Ampezzan, Aline Santos e Silva, Heloisa Zimmermann, Kellen Gurgel Anchieta e Marlise Albuquerque.

Grupo de Vínculos

Rosa Aizemberg Avritchir

Membro associado da SBPdePA e Coordenadora do Núcleo de Vínculos

O Grupo de Vínculos seguiu o ano mantendo os encontros sistemáticos com o psicanalista argentino Julio Moreno. Julio nos presenteou com seu livro *Elogio a cierta ignorancia – El psicoanálisis en clave vincular*. Nos encontros, costumamos lê-lo e, juntos, discutimos suas ideias.

Concomitante, estamos entrando num estudo mais sistemático sobre a sexualidade entre os casais. Iniciamos pela autora Sonia Thorstensen. No momento, nossa leitura está voltada para o livro *La Pareja: Encuentros, desencuentros, reencuentros* (Janine Pujet compilacion y prólogo, 1996).

Esse tema foi inspirado a partir de um caso clínico trazido por um colega do grupo, enriquecendo muito nossos encontros.

Para o próximo ano, temos um projeto de organizar uma atividade com psicanalistas que se dedicam à Psicanálise Vincular. Aguardem!

Encerro esta gestão como coordenadora e agradeço muito aos meus colegas Ana Rosa Trachtenberg, Ângela Piva, Astrid Ribeiro, Cynara Koppitke, Denise Zimpek Pereira, Heloisa Zimmermann, Paulo Picarelli, Patrícia Goldfeld e Vera Mello pelo apoio e colaboração.



Julio Moreno



Livro presentado



Projeto Ubuntu

Uma realidade para o futuro

Eliane Nogueira

Coordenadora da Comissão Ubuntu



Ubuntu é uma filosofia de origem africana cujo significado se refere à humanidade com os outros. Busca fortalecer o convívio entre pessoas, no qual valores como a solidariedade, a confiança, o respeito e a generosidade são tidos como fundamentais. Traduz-se por “eu sou porque nós somos”.

Em 11 de agosto de 2021, o movimento para a efetivação de um projeto que trata da questão do racismo institucional, que veio em setembro se chamar Projeto de Bolsas Formação Analítica do Instituto de Psicanálise da SBPdePA para Profissionais Negros, Negras e Indígenas das áreas de Psicologia e Medicina, fez um ano de “vida”. Neste dia, há um ano, nascia a força-tarefa que hoje se chama Comissão Ubuntu. Durante todo este ano, ocorreu tudo o que precisávamos para que o projeto-piloto saísse do papel e se tornasse Projeto Ubuntu, aprovado por unanimidade de votos em duas assembleias ordinárias, em 27/04 e 08 e 15/06 (esta última, continuação da anterior). Temos muito a comemorar. Mesmo que não haja a unanimidade de pensamento sobre o assunto, difícil e polêmico por natureza (o racismo atravessa cinco séculos de silêncio e omissão), temos o aval formal de nossa instituição para torná-lo real. Uma realidade para o futuro.

Durante este ano, muito se fez em prol da conscientização do tema do racismo, contando com diversas parcerias. O grupo de estudos *Colonialismo, racismo e desigualdade* recebeu diversos convidados de fora da Brasileira, as Diretorias Científica e da Comunidade realizaram eventos debatendo com nossos membros convidados. O Instituto promoveu um curso de letramento com o Prof. Damico, da UFRGS. A jornada bianual trouxe uma cláusula inédita: 10 vagas gratuitas para estudantes e 10 vagas gratuitas para profissionais negros, negras e indígenas. Tivemos textos de membros da comissão Ubuntu publicados no Boletim FEPAL e no Observatório Psicanalítico e entrevista no *podcast* do YouTube da Diretoria de Comunidade da FEPAL. O engajamento foi amplo, enquanto o projeto ia ganhando corpo e sua musculatura se fortalecia.

Começamos vendo-o engatinhar e, aos poucos, a colocar-se de pé e dar seus primeiros passos.

Foram necessárias muitas reuniões com contador, advogado, diretoria e todos aqueles que vêm prestando auxílio para a melhor configuração possível do que denominamos de Bolsa Formação. A organização do fundo financeiro que dará suporte às bolsas é de muita complexidade, mas revela a filosofia Ubuntu, na qual todos se envolvem e

participam visando à inclusão de nossos colegas negros, negras e indígenas. O sentido humanitário do projeto, de incluir pessoas que de outra forma não teriam chance de ingressar numa formação analítica, começa a ser colocado em prática e é possível que a SBPdePA venha a ser a pioneira neste modelo de inclusão para colegas psicanalistas. O futuro dirá.

E, finalmente, no dia 06/08, enviamos o projeto Ubuntu para a apreciação e solicitação de apoio da IPA, por meio de nossos representantes do Board latino-americano, que nos enviaram emocionadas mensagens de apreço ao projeto, salientando sua relevância.

O projeto Ubuntu agora já está indo para o conhecimento público e vai ganhar espaço social quando buscarmos doações. É um orgulho imenso sentir que estamos em terreno pioneiro e solidário, que vamos avançar em nossa civilidade. É da índole do psicanalista a liberdade, o questionamento e a humanidade. É da índole humana a busca da solidariedade. Que festejemos nosso primeiro ano de vida iniciando com passos firmes este maravilhoso projeto da SBPdePA.

Comissão: Astrid Ribeiro, Beatriz Behs, Cesar Antunes, Ignácio Paim Filho, Lisiane Cervo, Vera Hartmann.

Grupo de Estudos sobre Colonialismo, Racismo e Desigualdade



O Grupo de Estudos sobre Colonialismo, Racismo e Desigualdade, iniciado em setembro de 2020, deu continuidade às leituras com discussões quinzenais *on-line*, bem como às trocas de experiências, reflexões e informações sobre atividades culturais e científicas referentes ao racismo em suas origens e consequências estruturais, institucionais, cotidianas e subjetivantes.

O percurso no primeiro semestre de 2021 incluiu a leitura de Aimè Cesaire com seu *Discurso sobre o Colonialismo*, de Grada Kilomba, com suas *Memórias da Plantação* e Frantz Fanon com o livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Em junho, contamos com a participação das psicanalistas Wania Cidade (SBPRJ) e Joyce Goldstein

(SPPA) que apresentam o trabalho de sua autoria entre nós sobre negritude e branquitude.

A práxis psicanalítica decolonial, o entendimento de que o racismo é determinante de subjetivações e de sofrimento psíquico, a disposição em romper com pontos cegos decorrentes do pacto narcísico da branquitude foram inquietações que permearam e ativaram as trocas no grupo.

As intensidades e aprendizagens no grupo estiveram em consonância e sinergia com a determinação ético-política da diretoria da SBPdePA de mobilizar a comunidade interna para romper com o silenciamento sobre o racismo, promover nosso letramento e construir uma proposta consistente de acesso dos/as/es negros/as/es à formação.

Para o segundo semestre de 2021, está prevista a continuidade do estudo da obra de Frantz Fanon, seguido das contribuições de Achille Mbembe. E em setembro, ao completar um ano de trabalho, o grupo promoveu um evento reunindo os convidados que enriqueceram nossos encontros neste primeiro ano.

Grupo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade: Alinne Santos, Augusta Gerchmann, Cristiane Schlindwein, Fernando Kunzler, Gabriela Seben, Ian Nathasje, Juliana Lang Lima, Luciana Zamboni, Marcela Pohlmann, Marcelo Pinheiro, Rafaela Degani, Thércio Brasil, Sandra Fagundes, Janine Severo e Leonardo Francischelli.



SBPdePA
Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

Movimentos 2020/2021

Boas-vindas!

Saudamos a todos os integrantes do Instituto da Brasileira

INGRESSOS 2020-1

André Krieger Busato

Carmen Scherer

Caroline Ribeiro

Cristiane Felix Schlindwein

Gustavo Gazzana Flores

Ian Favero Nathasje

Luciene Menegaz Beckenkamp

Mônica de Assis Cabrera

Renata Camargo da Silva

Vera Regina S. Viuniski

Vlândia Zenkner Schmidt

INGRESSOS 2020-2

Elise Santos Peres

Julio Cesar Sperb da Rocha

Leniara Dalpiás Teixeira

Livia Gomes Ferreira

Roberta P. Loureiro da Silva Breda

INGRESSOS 2021-1

Júlia Godoy

Liége Britto

Tatiane Gil Asnis

INGRESSOS 2021-2

Ana Maltchik Lewin

Camila Casagrande Biasuz

Clarissa Leonardi Padilha

Fernanda S. Kilinski

Maria Aparecida G. Zanotelli

Rachel Rubin

Silvia Varela Dian

Tatiana Andreolla

Mudanças de categoria 2020/2021

Do Instituto para Membro Associado: Paula Esteves D. Sarmiento Leite, Fábio Corsetti, Rodrigo Boettcher, Renata Carvalho Britto, Janine Severo, Cibele Formel Couto e Heloisa Zimmermann

De Membro Associado para Membro Titular: Rosa Squeeff, Silvia Katz, Denise Zimpek Pereira e Patricia Goldfeld

De Membro Convidado para Membro Associado: Vera Hartmann

De Membro Titular à Analista com Função Didática: Lisiane M. Cervo

Aline Pinto da Silva recebeu o título de psicanalista de Crianças e Adolescentes pela IPA



SBP de PA
Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

DIRETORIA

A Diretoria, gestão 2020/2021, agradece imensamente a todos os colegas cuja dedicação, disponibilidade e envolvimento permitiram que a SBPdePA seguisse de modo criativo e intenso, mesmo atravessados pela pandemia da covid-19, suas várias atividades junto à comunidade psicanalítica e junto à comunidade em geral.

Representantes junto aos órgãos nacionais e internacionais:

Aline Pinto da Silva – representa a Brasileira junto à Fepal na Coordenação de Crianças e Adolescentes, gestão 2020/2022.

Ângela Piva é representante da Brasileira na COFAP/ IPA – Comitê de Família e Casal da IPA

Ana Rosa Trachtenberg é representante da SBPdePA (2020/2021) junto ao Comitê de Educação Latino-americano da IPA. Integrante do Comitê Latino-americano de Nominções para Eleições Board da IPA. Em 2021/2023 representará a Brasileira no President's Meeting da IPA. Em 2021/2024 integra ING-IPA/link ILAP. Participa da Comissão de Infância e Adolescência da Fepal (2020/2022).

Beatriz Saldini Behs é Membro Titular da Comissão Fiscal da Fepal.

Celso Halperin foi Diretor da Comissão Regional da BiViPsi até 2020. Atualmente integra a Comissão de Infância e Adolescência da Febrapsi.

César Antunes é Delegado da Infância e Adolescência da Fepal.

Cynara Cezar Kopittke representa a Brasileira no Comitê de Família e Casal da Fepal.

Denise Zimpek Pereira integra o Comitê do Congresso da Febrapsi, em 2022, na cidade de Gramado.

Eliane Grass Ferreira Nogueira é Membro Suplente da Comissão Fiscal da Fepal.

Ester Litvin participa como Membro do Comitê da Infância e Adolescência (COCAP) da IPA-América Latina.

Fernando Kunzler representa a Brasileira junto à Febrapsi na Comissão do Estatuto.

Helena Surreaux é representante, como colaboradora, da SBPdePA na Comissão de Publicações e Comunicação da Fepal. É também Diretora de Admissão e Seguimento do ILAP.

Janine Severo representa a Brasileira junto à Comissão de Racismo na Febrapsi.

Laura Ward da Rosa faz parte da Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise da Fepal, como representante da Brasileira.

Luciana Schmal representa a Brasileira na Comissão da BiViPsi (Biblioteca Virtual da FEPAL).

Mayra Lorenzoni foi Secretária Geral junto à Febrapsi até 2020.

Renata Viola Vives participa como membro do Enlace, na COWAP (Comitê de Mulheres da Psicanálise da IPA). Integra também a Comissão de Infância e Adolescência da Febrapsi.

Rodrigo Boettcher participa do Conselho Profissional da FEBRAPSÍ como representante da SBPdePA.

Vera Maria P.H. Mello representa a Brasileira junto ao Comitê de Família e Casal Latino-americano da IPA (COFAP). É também representante da SBPdePA na área de Seminários do ILAP.

Coordenadores de Grupos de Estudos, Núcleos e Comissões da Brasileira:

Eliane Grass Ferreira Nogueira coordena a Comissão do Projeto Ubuntu, do qual fazem parte Astrid Ribeiro, Beatriz Behs, Cesar Antunes, Ignácio Paim Filho, Lisiane Milman Cervo e Vera Hartmann.

Rosa Aizemberg Avritchir coordena o Núcleo de Vínculos do qual fazem parte Ana Rosa Trachtenberg, Ângela Piva, Astrid Ribeiro, Cynara Kopittke, Denise Zimpek Pereira, Heloisa Zimmermann, Patrícia Goldfeld, Paulo Picarelli e Vera M. Mello.

Aline Pinto da Silva coordena o Núcleo de Infância e Adolescência com seus componentes Adriana Ampezan, Aline Santos e Silva, Heloisa Zimmermann, Kellen Gurgel Anchieta e Marlise Albuquerque.

Leonardo Francischelli, Janine Severo e Sandra Fagundes coordenam o Grupo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade com seus participantes Aline Santos, Augusta Gerchmann, Cristiane Schlindwin, Fernando Kunzler, Gabirela Seben, Ian Nathasje, Juliana Lang Lima, Luciana Zamboni, Marcela Pohlmann, Marcelo Pinheiro e Thércio Brasil.

Giuliana Chiapin, Sandra Fagundes e Siana Pessin Cerri coordenaram o Projeto Psicanálise Solidária juntamente com a Diretoria de Relações com a Comunidade.

Ana Rosa Trachtenberg, Ane Marlise Porto Rodrigues, Astrid M. Ribeiro, Carmen Moussale, Helena Surreaux, Newton Aronis, Loes P. Meller, Rodrigo Boettcher, Silvia S. Katz e Vera Hartmann compõem a Comissão da Casa Própria.

Instituto de Psicanálise da Brasileira:

Silvia Skovronsky - Diretora

Lísia Leite - Secretária

Patrícia R.M. Goldfeld – Coordenadora da Comissão de Seminários

Laura W. da Rosa- Coordenadora da Comissão de Formação

César A. Antunes – Coordenador da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência

Thércio A. Brasil – Presidente da Associação de Membros do Instituto

Carmen Nogueira- Vice-presidente da AMI

Camila Reinert – Tesoureira da AMI

Luciana Buseti – Secretária da AM

Diretoria da Brasileira:

Ane Marlise Porto Rodrigues - Presidente

Loes Pedro Meller – Secretário

Silvia S. Katz – Tesoureira

Diretora Científica – Christiane Paixão e Comissão: Kellen Gurgel Anchieta, Magda Walz, Rafaela Degani e Renata Manica

Diretora de Relações com a Comunidade – Caroline Milman e Comissão: Carmen Nogueira, Giuliana Chiapin, Helena Surreaux, Janine Severo, Léia Klochner, Sandra Fagundes e Siana Pessin Cerri

Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico - Astrid M. Ribeiro e Comissão: Ian F. Nathasje e Siana Pessin Cerri

Diretora de Divulgação – Tamara B. Jansen Ferreira e Comissão: Aline Santos e Silva, Fabiana B. Grass, Gabriela Seben, Luciana Lang Lima e Nora Helena Steffen

Diretora de Comunicação- Rosa Beatriz S. Squeff e Comissão: Maria Isabel Pacheco, Roberto Vasconcelos, Susana Beck, Rodrigo Boettcher e Sandra Bertoldi



**“A inteligência
é o único meio
que possuímos
para dominar
nossos instintos.”**

Sigmund Freud

